

## Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência

Importancia de la prevención de violencia entre parejas adolescentes.

The the importance of working on prevention among intimate partners in adolescence

**Investigadores:** Mariana Isabel Sainz Beserra y Renata Fabiana Pegoraro  
Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

CDID “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de Psicología Científica”

Recibido:30/05/2023

Aceptado:15/05/2024

---

### Resumen

**Introducción y Objetivo:** Este artículo presenta una revisión de la literatura sobre producción científica relacionada con investigaciones y programas dirigidos a la prevención de la violencia de pareja entre adolescentes. **Método:** Por lo que se inició una búsqueda en las bases de datos y portales académicos Google, Scielo y Periódicos CAPES con las palabras claves combinadas: violencia, mujer, adolescente, pareja. **Resultados:** Se mapearon estudios empíricos e intervenciones dirigidas a adolescentes, que evidenciaron altos índices de violencia física y psicológica en mujeres y adolescentes por parte de sus compañeros íntimos, apareciendo más incidencia la violencia psicológica en las relaciones afectivas de los adolescentes. Los actos agresivos son interpretados y aceptados como una muestra de afecto, de igual forma es importante considerar trabajar con perspectiva de género para una intervención más significativa. Hubo una baja producción de estudios e intervenciones que aborden la prevención de la violencia de pareja en la adolescencia. **Conclusión:** Por lo tanto, se recomienda desarrollar e implementar intervenciones adecuadas a la realidad de los adolescentes para reducir la incidencia de la violencia contra la mujer.

*Palabras clave:* prevención, violencia, parejas, adolescentes, mujeres.

<sup>1</sup>Correspondencia remitir a: Mariana Isabel Sainz Beserra, Estudante de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – Minas Gerais, Brasil. [marianasainzb@gmail.com](mailto:marianasainzb@gmail.com)

<sup>2</sup>Renata Fabiana Pegoraro, Docente na Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – Minas Gerais, Brasil. [renatapegoraro@gmail.com](mailto:renatapegoraro@gmail.com)

<sup>3</sup>O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

<sup>4</sup>Correspondencia remitir a: [revistacientificaeureka@gmail.com](mailto:revistacientificaeureka@gmail.com) o [normacopparipy@gmail.com](mailto:normacopparipy@gmail.com) “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de Psicología Científica”, de Asunción-Paraguay.

## Abstract

**Introduction and objective:** This article presents a review of the literature on scientific production related to research and programs aimed at the prevention of intimate partner violence among adolescents. **Method:** Therefore, a search was started in the databases and academic portals Google, Scielo and CAPES Newspapers with the combined keywords: violence, woman, adolescent, couple. **Results:** Empirical studies and interventions aimed at adolescents were mapped, which showed high rates of physical and psychological violence in women and adolescents by their intimate partners, with psychological violence appearing more in the affective relationships of adolescents. Aggressive acts are interpreted and accepted as a sign of affection; in the same way it is important to consider working with a gender perspective for a more significant intervention. There was a low production of studies and interventions that address the prevention of intimate partner violence in adolescence. **Conclusion:** Therefore, it is recommended to develop and implement interventions appropriate to the reality of adolescents to reduce the incidence of violence against women.

*Keywords:* prevention, violence, couples, adolescents, women.

É preocupante como os índices de violência contra a mulher têm crescido nos últimos anos, tornando-se um fenômeno com consequências devastadoras na saúde coletiva. Segundo um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) em parceria com outras instituições, uma de cada três mulheres é vítima de violência sexual e física, em especial, por parte do seu parceiro, e os registros apontam que esse problema ocorre na faixa etária de 15- 24 anos de idade, quando uma em cada quatro mulheres jovens já sofreu violência de seu parceiro íntimo (OMS, 2021).

No Brasil, as informações registradas nos boletins de ocorrência de violência e feminicídio de mulheres e destacadas pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que o autor principal das mortes das vítimas foi o parceiro ou ex-parceiro em 81,75% dos casos registrados (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022).

Como forma de enfrentamento de violência no Brasil, a [Lei Maria da Penha \(2006\)](#) tem reconhecida sua importância na área de violência doméstica, e é apontada pelo Fundo do Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), em um conjunto de 90 países como uma das mais avançadas} (Jusbrasil, 2010). Essa lei cria mecanismos com objetivo de prevenir, punir e erradicar todas as formas de violência contra a mulher, como as delegacias da mulher (juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher) e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

As formas da violência também especificadas pela referida lei em seu artigo 7 são: (a) a violência física, que envolve a integridade física ou corporal da mulher; (b) a violência psicológica, que engloba condutas que prejudiquem emocionalmente a mulher, ou cause prejuízos em sua autoestima, ou ainda pretenda o controle de seu comportamento ou crenças. Continuar no mesmo parágrafo Tal violência pode se manifestar sob forma de ameaças, constrangimentos, isolamentos, ridicularização da mulher, bem como chantagem ou exploração; (c) a violência sexual, que envolve condutas que levem a mulher ao constrangimento, ou manter/participar de relações sexuais sem o seu consentimento, podendo ser ameaçada, coagida ou forçada, bem como ser impedida de usar métodos anticoncepcionais ou ser forçada a engravidar, abortar ou se prostituir; (d) por fim, a violência moral, sob a forma de calúnias, difamação ou injúria contra a mulher.

No ano de 2011, a análise do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes do Ministério da Saúde no Brasil efetuada por Garcia et. al (2016) já apontava que as mulheres brasileiras eram as principais vítimas de violência, um total de 16.256 mulheres fizeram a denúncia, 31,4% delas eram menores de 18 anos, 97,4% sofreram violência física, e os autores das agressões eram predominantemente os companheiros ou ex-companheiros (51,5% dos casos).

A reportagem de Rocha (2022) mostra que, no Brasil, antes da pandemia de Covid-19, 27% das mulheres entre 15 e 49 anos que tiveram um relacionamento já vivenciaram situações de violência tanto física como sexual por parte do seu parceiro.

Durante a pandemia a situação só se agravou, sendo que também os dados apontam que a incidência de violência é alta em meninas e jovens de 15 a 19 anos, e estima-se que uma em cada quatro sofreu violência nas mãos dos seus parceiros íntimos. A pandemia da Covid-19, no Brasil, iniciou-se no mês de março de 2020 e a Organização Mundial da Saúde informou que os casos de violência doméstica nesse período duplicaram. Além disso, paralelamente, as notificações de denúncia por parte das vítimas diminuíram devido à dificuldade para acessar os canais e pedir ajuda (Goto et al., 2022).

Entre tanto observou-se uma redução nas denúncias de crimes contra as mulheres durante a Pandemia de Covid-19 a causa do isolamento domiciliar, expondo as vítimas a seus agressores e dificultando o acesso às redes de proteção e aos canais de denúncia. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020)

Um relatório estatístico publicado pela Secretaria de Estado de Justiça em 2021 (Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, 2021), conforme documentado pela Polícia Civil do Estado de Minas Gerais (2021), mostra a faixa etária das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar registradas nos 1º e 2º semestres de 2019 e de 2020 e 1º semestre de 2021 no Estado de Minas Gerais, um dos mais populosos do Brasil (Tabela 1). Ok para Tabela 1. Contudo, os autores não estão lendo a Tabela 1 no parágrafo seguinte.

No primeiro semestre de 2019 cerca de 6% (N=4.515) de todas as mulheres vítimas de violência eram adolescentes na faixa de 12-17 anos, enquanto no primeiro semestre de 2021 o número de adolescentes vítimas de violência ficou em 5% do total (N=3.583). Nota-se que em aproximadamente 34% (trinta e quatro por cento) dos casos são apontados como autores desse tipo de violência cônjuges/companheiros e, em aproximadamente 33% (trinta e três) são ex-cônjuges/ex companheiros.

**Tabela 1**

*Quantitativo de vítimas de violência doméstica e familiar contra a mulher por faixa etária entre 2019 e 2021 no Estado de Minas Gerais (Brasil).*

Idade (anos)	1º sem 2019	2º sem 2019	Total 2019	1º sem 2020	2º sem 2020	Total 2020	1º sem 2021
0-11	1.986	1.991	3.977	1.602	1.806	3.408	1714
12-17	4.515	4.437	8.952	3.708	4.029	7.737	3.583
18- 24	13.110	13.560	26.670	12.060	13.049	25.109	11.915
25-34	20.412	20.493	40.905	19.412	20.886	40.298	19.428
35-44	18.405	18.700	37.105	17.073	18.512	35.585	17.203
45-55	8.936	8.823	17.759	8.645	9.123	17.768	8.679
55 ou +	7.680	7.471	15.151	7.392	7.850	15.242	7.886
<b>Total</b>	<b>75.044</b>	<b>75.475</b>	<b>150.519</b>	<b>69.892</b>	<b>75.255</b>	<b>145.147</b>	<b>70.408</b>

Fonte: Adaptado de Polícia Civil do Estado de Minas Gerais (2021, p. 51)

É de suma importância estudar e analisar o fenômeno da violência, com apoio da Tabela 1, por faixas etárias. Embora os números totais de casos de violência durante a infância possam ser menores em comparação com outras faixas etárias, é crucial reconhecer que as crianças também são impactadas pela violência doméstica e familiar, o que pode ter consequências profundas e duradouras em seu desenvolvimento físico, emocional e social. Um segundo aspecto relevante a ser considerado é a incidência da violência durante a adolescência. Observa-se uma queda notável no número de casos de violência contra adolescentes durante o primeiro semestre de 2020 em comparação com 2019 (Tabela 1).

Esta redução pode ser parcialmente atribuída às restrições de contato em virtude da pandemia, que podem ter diminuído as oportunidades de exposição à violência fora do ambiente familiar. No entanto, é preocupante notar que, apesar da diminuição inicial em 2020, os números voltaram a aumentar no primeiro semestre de 2021, indicando uma possível tendência de retorno aos níveis anteriores de violência contra adolescentes. Isso sugere a necessidade de políticas e intervenções contínuas para prevenir e combater a violência nesta faixa etária, bem como a importância de analisar os fatores subjacentes que podem contribuir para esse aumento.

Os fatores associados ao incremento de mortes e agressões é diminuição do apoio social na escola e questões estruturais de gênero são preocupantes. A competição por recursos na comunidade, a operação limitada de serviços de proteção infantil e a redução das redes sociais aumentam o risco de violência. O aumento do trabalho e estresse dos pais, juntamente com restrições de mobilidade, podem levar a comportamentos agressivos em jovens. Convivência prolongada e tensões interpessoais também contribuem para mais episódios de violência. (Marques, et.al, 2020)

Portanto, estudar e analisar a violência por faixas etárias é fundamental para entender suas causas, padrões e impactos específicos em diferentes grupos populacionais, permitindo o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção. Esta abordagem holística é essencial para garantir a proteção e o bem-estar de todas as pessoas, independentemente de sua idade.

Considerando os dados estatístico e a contínua reincidência, um relatório com a análise do perfil de vítimas de violência doméstica no município de Uberlândia, no Estado de Minas Gerais (Brasil), disponibilizado no portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia (2021), município do Estado de Minas Gerais com cerca de 750 mil habitantes, apontou que 84% das mulheres não estavam sofrendo violência pela primeira vez. Os dados foram coletados entre 2017 e janeiro de 2022 pelo aplicativo “Salve Maria”, que registra denúncias sobre violência contra mulher e é ligado à “Casa da Mulher”, equipamento anexo à Delegacia da Mulher (que orienta e encaminha mulheres vítimas de violência para a rede socioassistencial e da Secretaria Municipal de Saúde).

A prevalência de violência por parceiro íntimo é alta entre meninas adolescentes e mulheres jovens de 15 a 19 e de 20 a 24 anos, sendo de 16%, ou seja, uma em cada seis são vítimas de violência por seu parceiro. A pesquisadora Lynnmarie Sardinha da OMS citada na reportagem de Rocha (2022) ressalta a importância da experiência de construção de relacionamentos saudáveis desde a adolescência, em especial pelo impacto que a violência pode ter na saúde das jovens a longo prazo. Além do alerta, a pesquisadora defende a urgência de implementação de intervenções comunitárias, com caráter preventivo, em especial envolvendo escolas, dado seu caráter de espaço de interação onde são possíveis os primeiros encontros amorosos entre adolescentes.

Neste sentido, é fundamental o envolvimento de instituições públicas, acadêmicas e organizações da sociedade civil na construção e implementação de políticas públicas, programas, projetos e ações de prevenção que busquem enfrentar as causas e interferir nos fatores que estimulem e favorecem a ocorrência do fenômeno da violência, o que justifica a proposta deste artigo.

### **Relevância do estudo sobre violência na perspectiva de adolescentes**

Os estudos sobre violência de gênero em adolescentes são recentes, apesar disso nos últimos anos tornou-se em uma problemática que está ganhando importância. No ano de 2010, o Ministério da Saúde do Brasil (2010) registrou que as agressões foram a principal causa de morte de pessoas entre 15 e 19 anos, representado 58,7% do total de óbitos, e na faixa etária de 10 a 14 anos, foi a segunda causa de morte (22,4%). Uma análise de dados de todas as regiões do Brasil apontou que jovens de 15 a 19 anos sofreram mais agressões do que aqueles de 10 a 14 anos, o que indica maior vulnerabilidade do primeiro grupo.

Segundo Lliebre (2003) em um estudo com adolescentes identificou-se que 80% das meninas e 75% dos meninos não relacionavam falta de amor ao abuso. Isso permite refletir sobre o risco de normalização de agressões em relacionamentos amorosos sob a ótica adolescente, podendo levar à compreensão de que a agressão é aceitável como forma de solução de conflitos amorosos.

De acordo com Ozella (2003), a adolescência é um momento de grande importância já que esta etapa permite e dá lugar ao contato com o outro ser social, conformando-se assim grupos de identificação e relacionamentos marcados pelo contexto sociocultural que influenciam na subjetividade do adolescente. Torna-se, portanto, relevante o enfoque da identificação da violência entre parceiros íntimos na trajetória de vida de adolescente para poder contribuir a construção de relacionamentos saudáveis livres de agressões físicas e psicológicas.

Considerando os índices de violência contra mulher no Brasil e a importância do contexto sociocultural para o desenvolvimento dos adolescentes, consideramos que atos violentos podem vir a ser compreendidos como uma conduta natural em relacionamentos íntimos dada sua ocorrência e perpetuações em ambientes caso não exista espaço para questionamentos e ações de cunho preventivo.

Ante esta realidade é de vital importância analisar, estudar e elaborar intervenções eficazes, em espaços educativos, comunitários para que adolescentes possam desenvolver habilidades e hábitos saudáveis livres de agressões psicológicas, físicas e sexuais dentro do núcleo familiar, escolar o nos primeiros encontros amorosos. A partir do que foi anteriormente exposto, estabeleceu-se como objetivo deste artigo conhecer a ocorrência de violência entre adolescentes por parte de seus parceiros íntimos e identificar intervenções de prevenção à violência implementadas no Brasil dirigidas a esse público.

## **Método**

Efetuamos uma busca na literatura para mapear publicações sobre violência entre adolescentes a partir de duas perguntas orientadoras: “Qual a ocorrência de violência entre adolescentes por parte de seus parceiros íntimos? Que intervenções de prevenção à violência têm sido implementadas no Brasil?”, efetuamos uma busca na literatura para mapear publicações sobre violência entre adolescentes.

Trata-se de uma revisão de literatura, definida como processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma ou mais de uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos. (UNESP, 2015). Nesta pesquisa, optamos pela revisão de artigos científicos disponíveis on line em periódicos indexados.

O levantamento foi efetuado nas plataformas Google acadêmico, Scielo e Periódicos CAPES com as palavras-chave combinadas: violência, mulheres, adolescentes, casal. Os artigos foram selecionados na primeira quinzena de dezembro de 2022 a partir do título, em seguida os artigos foram lidos na íntegra, sendo excluídos aqueles que não respondiam à pergunta orientadora. Restaram para análise sete artigos que foram divididos a partir das temáticas principais, a saber: (i) pesquisas empíricas e de revisão sobre violência desenvolvidas com adolescentes e (ii) programas de prevenção de violência em adolescentes.

## **Resultados e discussão**

### **(a) Resultados das pesquisas empíricas e de revisão sobre violência desenvolvidas com adolescentes**

Os resultados dos artigos que retrataram pesquisas sobre a temática (Quadro 1) evidenciaram a prevalência de violência e seus altos índices na população adolescente, sendo o contexto sociocultural um dos fatores de risco mais significativos na naturalização da violência e os mandatos em relação aos papéis de gênero.

Assim em uma das pesquisas (Oliveira, et al., 2014) pode-se notar que o aumento do número de eventos de violência psicológica perpetrada pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos está relacionado à mais elevada agressão verbal da mãe e do pai; à mais frequente vivência de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e àquele presente nos namoros anteriores. Esses resultados reforçam a noção de circularidade da violência psicológica nos diversos contextos de socialização do adolescente e destacam a continuidade do comportamento agressivo em outras relações de namoro, entre irmãos, na família e amigos. (Oliveira, et al., 2014)

**Quadro 1**

*Caracterização de artigos que retrataram pesquisas com adolescentes sobre violência*

	<b>Objetivo do artigo</b>	<b>Tipo de estudo</b>
Brancaglioni e Fonseca (2016)	Analisar a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva de gênero e geração.	Pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória
Oliveira et al. (2016)	Analisar a produção científica sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes no campo da saúde, considerando as categorias de gênero e geração.	Revisão integrativa de 30 artigos nas bases LILACS, PubMed/MEDLINE e SciELO.
Teixeira e Taquette (2010)	Identificar fatores associados à atividade sexual desprotegida em adolescentes femininas menores de 15 anos.	Estudo observacional de corte transversal
Barreira et al. (2014)	Estudar a violência física e psicológica entre namorados adolescentes com relação aos perfis de direcionalidade - apenas o homem perpetra, apenas a mulher perpetra, e bidirecional, ou seja, ambos perpetram violência.	Análise descritiva, estudo comparativo.
Cecchetto et al. (2016)	Apresentar as visões de adolescentes do sexo masculino sobre o tema da violência no namoro.	Entrevistas e grupos focais em dez cidades brasileiras (2007 a 2009)

Fonte: Elaboração própria (2023)

No estudo realizado por Brancaglioni e Fonseca (2016) com 111 adolescentes (de 15 a 19 anos) constatou-se que 91% dos participantes perpetraram e 90,1% sofreram, no mínimo, uma das naturezas de violência. A violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma forma de violência de gênero, e as construções de gênero determinaram as agressões sofridas e perpetradas, possivelmente determinando também a naturalização e legitimação de tais agressões. O estudo também discute que a desigualdade de poder entre as gerações pode determinar maior vulnerabilidade dos mais jovens ao fenômeno.

Assim também o estudo realizado por Schoenmaker et al. (2016) com 27 adolescentes registrados no jogo “Papo Reto” revela que as falas de alguns participantes do sexo feminino apontaram uma relação desigual de poder no que se refere aos direitos e preferências de cada um dos pares. Observou-se que o fato de estar em um relacionamento permite aceitação de comportamentos dominantes, sobretudo de caráter sexual, compreendidos como próprios de uma relação afetiva, a fim de agradar o outro.

Igualmente em alguns casos, os participantes masculinos referiram o comportamento feminino como desencadeador de situações violentas nos relacionamentos afetivo-sexuais. Supostas características sedutoras e provocantes das mulheres adolescentes costumam justificar as situações de violência por parceiro íntimo. Desta maneira, as meninas são culpabilizadas pelas situações de violência, tidas como provocadas por elas.

Além disso os adolescentes participantes da pesquisa relataram diferentes formas de enfrentamento da violência de gênero nas relações de intimidade. Diante de uma situação-problema apresentada no jogo e comentada pelos participantes, na qual era abordado o desconforto de um dos parceiros diante de uma carícia sexual não desejada, foram elencadas duas reações: a primeira estava relacionada ao diálogo com o parceiro e a segunda estava associada à resposta por meio de agressões verbais e físicas (Schoenmaker et al., 2016).

Outra pesquisa relacionada com gênero (Oliveira et al., 2016) tinha como objetivo analisar a produção científica sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes no campo da saúde, considerando as categorias de gênero e geração. A literatura analisada permite destacar que, de uma maneira geral, os estudos que avaliam ou discorrem sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes não analisam o fenômeno a partir das perspectivas de gênero e geração.

A maior parte dos estudos que avaliavam intervenções de prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) tinha como foco o reconhecimento e a tomada de consciência sobre a violência, assim como habilidades de gestão de conflitos e resolução de questões de estereótipos de gênero. Tais questões são reconhecidas como estratégias que possibilitam instrumentalizar adolescentes para gerenciar relacionamentos problemáticos antes que hábitos interpessoais vulneráveis se estabeleçam. Entretanto, é reconhecida a fragilidade dos estudos em abordar questões que ultrapassam a dimensão singular das atitudes e comportamentos e que ampliem a discussão para o contexto social da cultura, dos pares, da mídia e da inserção social dos(as) adolescentes (Oliveira et al., 2016).

Na mesma direção, um estudo realizado com adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil entre os anos 2007 e 2009 (Cechetto et. al, 2016), teve como objetivo analisar as visões e experiências de jovens do sexo masculino sobre seus relacionamentos com a intenção de explorar as questões de gênero relacionado com violência no namoro. Uma das principais causas que levam os adolescentes a cometer violência física contra as namoradas é a traição ligada a percepções de masculinidade tradicionais. E por último se fala de atribuir o "gosto" da mulher por ser violentada e ficar com o agressor, culpabilizando-a (Cechetto et. al, 2016).

Também foi possível encontrar informações relacionadas ao início da atividade sexual em adolescentes no estudo de Teixeira et al. (2010), que investigaram adolescentes femininas, menores de 15 anos e sexualmente ativas, atendidas em um ambulatório público de ginecologia. Quase um terço das adolescentes deste estudo apresentava atraso escolar, 80 % tinham a figura materna em casa, enquanto a figura paterna esteve presente em apenas 41% dos lares. Na investigação sobre violência, 58% referiram ter sido vítimas dela no ambiente intrafamiliar e 13% sofreram abuso sexual, seja em casa ou fora dela, a maior parte perpetrada por pessoas de seu convívio. Ter parentes com histórico de alcoolismo foi mencionado por 44% das entrevistadas e 43% revelaram consumo ou tráfico de drogas ilícitas por seus familiares.

Sobre a experiência sexual das adolescentes, verificou-se que a idade média do primeiro intercurso sexual foi de 13 anos e para 80% delas o tempo transcorrido entre o início do relacionamento com o parceiro e a ocorrência da sexarca foi igual ou inferior a um ano. Quanto à primeira relação sexual, 63% das adolescentes já haviam menstruado há mais de um ano quando esta ocorreu, 72% referiram ter tido a experiência com namorados e 46% dos parceiros eram maiores de 18 anos. Quatorze adolescentes já tinham vida conjugal. No exercício da sexualidade, 22 declararam ter tido mais de dois parceiros no último ano. Do total das meninas, oito revelaram a prática de sexo com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e seis eram exploradas comercialmente (em troca de dinheiro ou outros benefícios). Estas últimas também mantinham relações sexuais com parcerias de ambos os sexos por conta desta atividade.

Nesta investigação (Teixeira et al., 2010), são divulgadas as consequências negativas do início precoce da atividade sexual em adolescentes e o alto grau de violência perpetrada, sendo que são mais vulneráveis por causa de elementos que contribuem para o aumento do risco de adolescentes femininas, entre eles pode-se destacar a imaturidade biopsicossocial, a dependência econômica, o não reconhecimento da legitimidade do exercício sexual, a violência de gênero, famílias pobres, vítimas de abuso físico ou sexual, e o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas.

No estudo de Barreira et al. (2014) também fica evidente que a violência em namoros adolescentes ocorre de forma bidirecional, pois a maioria dos adolescentes (83,9%) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro. Apenas 2,5% perpetraram, mas não sofreram, violência e 2,8% sofreram, mas não perpetraram. A prevalência de adolescentes que relataram não ter vivenciado violência no relacionamento foi de 10,8%. A violência se deu com diferentes manifestações sendo que de homens para mulheres é uma violência física e de mulheres para homens o tipo de violência seria relacional (refere-se à compreensão de que a violência entre parceiros íntimos envolve relações de poder historicamente constituídas e utilizadas para delimitar características do masculino e do feminino) (Barreira, et al. 2014).

Isso foi constatado também em outro estudo (Cechetto et. al, 2016) no qual se confirma que a violência verbal ou psicológica é a mais praticada entre adolescentes em ambos os sexos, assim como para os meninos é tolerável a agressão física por parte das namoradas sendo que pelo fato de não causar grandes danos é menosprezada. Porém ser humilhado ou xingado e percebido como uma das piores violências percebidas pelos jovens. (Cechetto et. al, 2016)

## (b) Resultados das intervenções com adolescentes sobre violência a partir da revisão da literatura

O Quadro 2 reúne as publicações que retrataram programas de prevenção de violência em adolescentes.

### Quadro 2

*Caracterização de artigos que retrataram intervenções com adolescentes sobre violência*

<b>Autor – Ano</b>	<b>Objetivo do artigo</b>	<b>Tipo de intervenção realizada</b>
Murta et al. (2013)	Avaliar os efeitos de uma intervenção preventiva sobre a intenção de enfrentamento à violência no namoro e crenças sexistas e homofóbicas entre adolescentes.	Delineamento quase-experimental, com avaliação de pré e pós-teste, avaliação de processo e avaliação de impacto cinco meses após o término da intervenção (com estratégias quanti-quali e de avaliação).
Matos et.al (2006)	Promover a aquisição de conhecimentos acerca do fenômeno; capacitar para o reconhecimento de situações íntimas abusivas; identificar e produzir mudanças nas crenças sócio-culturais que sustentam esse tipo de violência; desenvolver competências para gerir uma situação de violência pelo parceiro; informar acerca dos recursos na comunidade.	Estudo exploratório descritivo

Fonte: Elaboração própria (2023)

No estudo de Murta et al. (2013) foram avaliados os efeitos de uma intervenção para a prevenção de violência no namoro com um grupo de adolescentes para posteriormente comparar com adolescentes que não receberam a intervenção. As intervenções ofereciam informação de violência no namoro, habilidades sociais, toma de decisões, papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos. Considerando as dificuldades na regulação emocional, aprovação de papéis de gênero e como enfrentar as intenções violentas.

Na avaliação de impacto realizada após cinco meses da intervenção, Murta et al. (2013) constatou-se uma diversidade de percepções e mudanças entre os adolescentes participantes. Enquanto metade dos participantes relatou uma pequena mudança em sua forma de pensar, um quarto deles observou mudanças significativas e outro quarto não percebeu mudança alguma. Quanto ao comportamento, uma parcela significativa não notou alterações, porém, aqueles que perceberam mudanças relataram melhorias em habilidades como Pensamento Crítico, Empatia e Tomada de Decisão. A prática do que aprenderam também foi observada em situações do cotidiano por uma parte dos participantes.

Em relação à sexualidade, os adolescentes iniciam sua vida sexual cada vez mais precocemente. Como exemplo, a idade média da primeira relação sexual genital entre as moças está abaixo dos 15 anos, sendo que se evidencia a importância da educação sexual nas escolas. Quando um adolescente inicia sua atividade sexual precoce e não tem todas as informações necessárias ou maturidade para administrá-las, ele acaba se expondo a grandes perigos imediatos como a gravidez indesejada, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), abortos clandestinos, HIV e problemas futuros como o câncer de colo de útero (provocado, muitas vezes, pelo papilomavírus humano - HPV), relacionamentos instáveis e até mesmo o não funcionamento correto dos órgãos sexuais, o que não é raro acontecer com homens que não tiveram uma iniciação sexual correta. (Belisse, 2009)

Os dados obtidos por Murta et al. (2013) sugerem que a intervenção foi eficaz, reduzindo atitudes relacionadas a restrição de emoções no gênero masculino, assim também para o enfrentamento de conflitos aumentaram as intenções de uso de estratégias não violentas. Os resultados são positivos porque reduzem as crenças normalizadas e estereotipadas sobre papéis de gênero masculino. Aumentaram também as intenções de respostas positivas assertivas estando em posição de vítima e favoreceu a gestão de emoções.

Na esfera educacional, o gênero é constituinte da identidade dos atores sociais, possuidores de qualificações plurais que não são estáveis ou duradouras, mas se modificam e podem ser contraditórias. Nessa perspectiva, homens e mulheres são identificados pelo gênero, classe social, raça ou etnia e pela idade e nacionalidade, assumindo identidades plurais, múltiplas que produzem diferentes posições de sujeito, quando as redes de poder (das instituições, símbolos, códigos, discursos etc.) precisariam ser examinadas. (Almeida, 2011)

Da mesma forma se descreve como foi a implementação de uma intervenção de prevenção de violência nas relaciones de namoro em contexto escolar. Esta procurou capacitar aos jovens para a identificação de situações íntimas abusivas, identificar e mudar crenças socioculturais que legitimam essa violência, desenvolver competências para confortar a violência e dar a conhecer os recursos da comunidade (Matos et al., 2006).

As intervenções foram efetivas independentemente de serem aplicadas a contextos escolares distintos e com diferentes graus de escolaridade, sendo que as crenças mudaram em relação a menor tolerância de violência em ambos os gêneros. Confirma-se a importância de construir mandados sociais em relação a gênero que favorecem a repetição, normalização de violência.

Os estudos revistados neste artigo foram publicados antes da pandemia da Covid-19. Considerando-se a importância deste evento mundial, faz-se necessário algumas reflexões sobre a violência entre adolescentes neste período. Ribeiro, et al. (2023) apontam que, durante a pandemia, adolescentes sofreram casos de agressões físicas e provocaram autolesões (incluindo aquelas caracterizadas como tentativas de suicídio). A violência dentro da família foi atribuída principalmente ao padrasto ou cunhado, como relatado pelos adolescentes. Estes problemas, que já existiam, se intensificaram durante a pandemia, alertando sobre a vulnerabilidade social e individual. (Ribeiro, et. al, 2023). A literatura destaca ainda que, no contexto de isolamento social, houve um aumento de 4% nas mortes violentas em todas as faixas etárias, incluindo crianças e adolescentes. Em 2020, pelo menos 267 crianças de 0 a 11 anos e 5.855 crianças e adolescentes de 12 a 19 anos foram vítimas de mortes violentas intencionais. (Reinach & Barros, 2023).

## **Conclusões**

Os estudos recuperados para análise neste artigo nos permitem algumas considerações.

A abordagem da violência perpetrada por parceiro íntimo entre adolescentes constitui uma necessidade concreta do campo da saúde, a inclusão da problemática como objeto de trabalho em saúde mental assim como o desenvolvimento e a avaliação contínua de programas de prevenção que envolvam a escola, a família e o contexto social dos adolescentes. Observou-se que a desigualdade histórica estabelecida pelas construções sociais em relação ao gênero é o principal gerador de violência na sociedade. É assim que os adolescentes constituem um setor de risco já que reproduzem paradoxos a respeito da desigualdade de poder em relação a gênero. Isso pode levar a uma naturalização e legitimação da violência desde tenra idade e com consequências significativas na saúde mental que atingem principalmente adolescentes do sexo feminino.

Nesse sentido percebeu-se que a violência nas relações íntimas entre adolescentes é bidirecional e cada vez mais naturalizada. Essa aceitação dificulta o fato deles reconhecerem comportamentos violentos fazendo com que não tenham ferramentas de afrontamento em situações de risco. Apesar de serem as adolescentes que mais sofrem violência, é importante reconhecer e trabalhar no reconhecimento e prevenção que o sexo masculino sofre também.

A análise dos resultados dos programas de prevenção revela a eficácia das ações preventivas realizadas em diferentes contextos escolares e níveis de escolaridade, demonstrando uma diminuição geral na tolerância à violência nas relações íntimas entre os alunos participantes. No entanto, persistem certos mitos e crenças, especialmente relacionados à banalização e culpabilização da vítima, sugerindo a influência contínua de fatores socio-culturais, particularmente na socialização de gênero. A tendência para uma maior tolerância entre os alunos mais jovens ressalta a importância da maturidade e desenvolvimento cognitivo na percepção da violência. Destaca-se a necessidade de abordagens explícitas e significativas nas intervenções escolares para desconstruir crenças tolerantes à violência e promover mudanças de atitudes e comportamentos. Esses resultados corroboram a relevância dos programas de prevenção primária em contextos escolares para abordar a violência nas relações íntimas, contribuindo para a mudança de normas sociais e a redução do abuso no futuro.

Esses achados destacam a importância da continuidade e aprimoramento dos programas de prevenção, bem como a necessidade de avaliações contínuas para entender melhor os impactos e garantir a eficácia das intervenções na promoção de relações saudáveis e na prevenção da violência entre os jovens.

Autores recomendam que intervenções devam ser implementadas o mais precocemente possível, uma vez que as atitudes e comportamentos relacionados à vivência da sexualidade e dos papéis de gênero são moldados antes mesmo da primeira experiência de relacionamentos afetivos. Assim, estudos sugerem a formulação de estratégias que envolvam a família, assim como os pares e o contexto no qual os adolescentes estão inseridos.

## Referencias

- Almeida, J. S. (2011). As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 31, 165-181. Recuperado de: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132>
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Barreira, A. K. Et, al. (2014, 1 março). *Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil*. <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dd7q7nNNGJNvKHvp6mzR4yB/?lang=en>
- Belisse, C. L.. (2009). Atividade precoce na adolescência: a importância da educação sexual nas escolas. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf>
- UNESP. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. Faculdade de Ciências Agrônomicas. Campus Botucatu. (2015) *Tipos de revisão de literatura*. Recuperado de: <tipos-de-revisao-de-literatura.pdf> ([unesp.br](http://unesp.br))
- Brancaglioni, B. D. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: Uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 946–955. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. D. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(59), 853–864. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020, 24 de julho). Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19. ED.3. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>

Garcia, L. P., Duarte, E. C., Freitas, L. R. S. de, & Silva, G. D. M. da. (2016). Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00011415>

Jusbrasil. (2010) *Para ONU, Lei Maria da Penha é uma das mais avançadas do mundo*. Revisado abril 16, 2023, de <https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2110644/para-onu-lei-maria-da-penha-e-uma-das-mais-avancadas-do-mundo>

[Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006](#). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)

Lliebre, A. M. (2003). *Prevenção de la violencia de género en adolescentes*. Revista de Estudios de Juventud, 143-150. Recuperado de: <https://www.injuve.es/sites/default/files/art11.pdf>

Marques, E. S., Moraes, C. L. de, Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). Violência contra mulheres, crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19: visão geral, fatores contribuintes e medidas de mitigação. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>

Ministério de Saúde. (2010). *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*. Recuperado de: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)

- Murta, S. G., B. R. P. dos. Nobre, L. A., Araújo, I. F. de Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. De O., & Franco, C.T. P. (2013). *Prevenção a violência no namoro e promoção de habilidades de vida adolescentes*. *Psicologia USP*, 24, 263-288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707–718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Oliveira, R. N. G. D., Gessner, R., Brancaglioni, B. D. C. A., Fonseca, R. M. G. S. D., & Egry, E. Y. (2016). Preventing violence by intimate partners in adolescence: An integrative review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 50(1), 134–143. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000100018>
- OMS: *uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência*. (2021). Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia>
- Ozella, S. (2003). *Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica*. Cortez.
- Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, (2021). *RELATÓRIO ESTATÍSTICO: Diagnóstico da violência doméstica e familiar contra a mulher nas Regiões Integradas de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais*. Recuperado de: [DIAGNOSTICO - VDFCM nas RISPs - 1 semestre-2021 - 2021-08-06 1.pdf \(seguranca.mg.gov.br\)](https://seguranca.mg.gov.br)
- Prefeitura de Uberlândia, fazer mais, fazer bem. (s/f). Gov.br. Recuperado o 6 de novembro de 2022, de <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/governo-e-comunicacao/salve-maria/>
- Reinach, S., & Barros, B. W. (2023). O aumento da violência contra crianças e adolescentes no Brasil em 2022. In Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Ed.), *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (pp. 188-203). São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

- Ribeiro, A. C., Ianzer, F. R. M., Siqueira, F. D., Neves, E. T., Souza, N. S. de, Barreto, C. N., Senhem, G. D., & Bugs, C. V. M. (2023). Vulnerabilidade no cotidiano de adolescentes na pandemia de COVID-19. *Revista Da Escola de Enfermagem Da USP*, 57, e20230100. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0100pt>
- Rocha, L. (2022). *Uma a cada quatro mulheres no mundo sofreu violência por parceiro, diz estudo*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uma-a-cada-quatro-mulheres-sofreu-violencia-por-parceiro-intimo-diz-estudo/>
- Schoenmaker, M. et al. (2016, 6 julho). *A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online / CIAIQ2016*. <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/819>
- Teixeira, S. A. M., & Taquette, S. R. (2010). Violência e atividade sexual desprotegida em adolescentes menores de 15 anos. *Revista Da Associação Médica Brasileira*, 56(4), 440–446. <https://doi.org/10.1590/s0104-42302010000400017>